REVISTA DA FUNDARTE
EDITORA da FUNDARTE
Ano 15 – Número 29 – Janeiro/Junho 2015

Literatura, música, geografia e educação: simbolismo cultural[1]

Marquessuel Dantas de Souza
Faculdade de São Paulo

Resumo: Este é um estudo preliminar que busca discutir a relação que envolve Literatura, Música e Geografia no âmbito educacional. Do mesmo modo, visa apontar a importância da temática quando da discussão referente ao espaço geográfico como o espaço de vivência e de experiências do ser-do-homem em geral e dos autores e personagens poéticos, onde são articuladas as perspectivas fenomenológico-existenciais dos mesmos. Busca ainda valorizar o diálogo prosaico e poético sobre o espaço, as formas de linguagens, os mapas literários e a imaginação contida numa obra de arte significativamente na cultura dos homens, dialogando no processo de alfabetização. Pretende relacionar a dialética envolvendo Literatura, Música, Geografia e Educação para mostrar que essas perspectivas constituem formas outras de enriquecer o modo geográfico e cultural de ler o mundo, ou melhor, meios outros nas ciências humanas de interpretar o mundo. Em suma, o presente estudo direciona-se para uma preocupação epistemológica e ontológica do ser-do-homem no geográfico pedagogicamente, bem como apresenta uma preocupação com o lugar do ser-no-mundo e, para isso, as artes em si nos possibilitarão uma melhor compreensão do ser histórico-geográfico no mundo: *o próprio homem.* Neste contexto, artes, educação e ciência tornam-se meios de realização humana e como que uma espécie de fuga da angústia existencial.

Palavras-chave: Literatura; música; geografia; educação; cultura.

Abstract: This is a preliminary study in which discusses the relationship that involves literature, music and geography in the educational field. Likewise, it aims to highlight the importance of the theme in the discussion concerning the geographical space as the living space, and experience the be-the-man in general and of the authors and poetic characters, where the phenomenological-existential perspectives thereof are hinged. And enhance the prosaic and poetic dialogue on space, forms of languages, literary maps and imagination contained in a work of art significantly in the culture of men conversing in the literacy process. Search by relating the dialectic involving Literature, Music, Geography and Education show that these perspectives are other ways to enrich the geographical and cultural way of reading the world, or rather other media in the humanities to interpret the world. In short, this study directs to an epistemological and ontological concern of being-the-man in the geographic pedagogically and aims for a concern with the place of being in the world, and for this, the arts itself in enable a better understanding of the historical and geographical in the world: the man himself. In this context, arts, education and science become a means of human achievement and as a kind of escape from existential angst.

Keywords: Literature; music; geography; education; culture.

Introdução

A importância da análise de escritos literários, tais como poemas e romances, em particular, e de análises de composições musicais no âmbito oral e instrumental,

[1] Texto adaptado da palestra proferida sob o título GEOGRAFIA, LITERATURA E MÚSICA: o simbolismo artístico no geográfico. In: II Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte e I Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART) - DEGEO/FFLCH/USP. São Paulo-SP, 11 de junho de 2013.

na esfera educacional, constitui um excelente material de interpretação do mundo. Enfatizando, principalmente, a alfabetização nos anos iniciais, anos finais e no ensino médio. Com isso, a prática educativa por meio das artes nas aulas de Geografia possibilita uma melhor compreensão do viver. O estudo da Geografia a partir das obras de arte é uma oportunidade singular, do ponto de vista filosófico-pedagógico e crítico, para contextualizar conteúdos geográficos no e do cotidiano tanto dos alunos quanto da própria escola. No processo de ensino-aprendizagem, trona-se útil valorizar, na abordagem envolvendo Geografia e Artes, o conteúdo concreto do dia a dia, da realidade do educando, buscando mostrar os enlaces que os rodeiam.

A capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único perante todos os outros seres vivos (espécies animais animadas) que ocupam o planeta Terra. A convergência da arte na abordagem geográfica, bem como a análise geográfica convergente no campo da arte, nos revelam particularidades recíprocas de forma que, grosso modo, devemos chamar tal proximidade de uma intrínseca *Geografia Artística,* configurando-se numa *Arte Geográfica* preponderantemente. Fazendo e sentindo, em suma: vivendo.

Uma vez que “Artes e Ciência formam uma parceria inteligível para interpretar o mundo que nos circunda efetivamente” (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 221), torna-se fundamental considerá-las como complementos. Pois “somos aquilo que vivemos” (SOUZA, 2012, p. 84). Por conseguinte, a arte em geral se faz projeção figurativa na malha da existência concreta real do ser no mundo. A arte constitui-se em uma linguagem/manifestação que permite capturar, por assim dizer, a outra face da realidade humana. “Através da arte nos transcendemos” (SOUZA, 2013a, p. 243). Ou, como nos disse Jung: “a verdadeira obra de arte tem inclusive um sentido especial no fato de poder se libertar das estreitezas e dificuldades insuperáveis de tudo o que seja pessoal, elevando-se além do efêmero do apenas pessoal” (JUNG, 2011, p. 72). No mesmo sentido, Nietzsche nos proclama que “... a arte não é outra coisa senão o poder de comunicar a outrem o que nós mesmos experimentamos...” (NIETZSCHE, 2007, p. 124). Assim sendo, “criar é viver duas vezes” (CAMUS, 2009, p. 110). Portanto, uma criança ou adolescente envolvido com literatura ou música na prática pedagógica promove seu ser por inteiro além do habitual.

É nestes termos que nos evolveremos numa breve discussão relacionando artes e ciência. Uma dialética, por assim dizer, valiosa para enriquecer ainda mais os estudos das linguagens, sejam estas artísticas ou científicas. Ademais, a literatura, a música, a pintura, a escultura, o teatro, a arquitetura, bem como o cinema, imprimem lugares, paisagens e territórios de temporalidades outras que "atravessam a perspectiva geográfica do ser e do estar-no-mundo - no sentido heideggeriano" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 222), realizando a ontologia do ser.

O texto está subdividido em três partes sequenciais: a primeira etapa discorre sobre a relação envolvendo geografia e literatura; a segunda se insere no debate entre geografia e música; já na terceira ocasião, a discussão se volta especificamente para a geografia e a educação (promovendo uma breve abordagem sobre a prática pedagógica em sala de aula).

Geografia e literatura: uma discussão geográfico-literária

Conforme Marandola Jr. e Oliveira,

> Geografia e Literatura são duas formas de conhecimentos milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas "gavetas" distintas: Ciência e Arte. (2009, p. 487).

Deveras, "a dialética entre Geografia e Literatura é fundamental para compreendermos a relação do ser ou criador artístico com a experiência da narrativa dos lugares" (SOUZA, 2014, p. 29).

O interesse sobre a literatura nos estudos referentes à natureza é significativo desde a antiguidade, para isto é notório citar algumas obras consagradas tais como a *Odisseia* e a *Ilíada* de Homero, *Teogonia e Trabalhos* e *Dias* de Hesíodo, *Eneida* de Virgílio, *Édipo Rei* e *Antígona* de Sófocles, bem como *História* de Heródoto, *Geografia* de Estrabão, dentre outras. Na época moderna, os estudos dos naturalistas, ou melhor, em realidade nos textos clássicos da Geografia observamos uma gama ampla de enunciados literários das viagens dos exploradores/aventureiros que confirmam nossa hipótese. Aqui não poderíamos deixar de evocar, por exemplo, o eminente naturalista e geógrafo alemão Alexander von Humboldt, que, por sua vez, desenvolveu um estudo significativo investigando as artes na geografia. Esta

abordagem se encontra em sua obra Cosmos, especificamente no tomo II, primeira parte. Nesta obra, Humboldt dá ênfase à ideia de literatura descritiva e de pintura.

É neste sentido, por exemplo, que o geógrafo Pierre Monbeig (em meados da década de 1940-1950) já nos chamava a atenção para o fato seguinte:

> Que não era possível estudar uma cidade ou uma região sem ler, primeiro, seus grandes romancistas, pois deles era possível extrair ricas e detalhadas descrições sobre a paisagem geográfica, o clima, as cidades, as pessoas, o relevo, enfim sobre o cotidiano do mundo vivido das sociedades". (MONBEIG, citado por MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 490)[2].

Portanto, "é tecendo as linhas magistrais da percepção do mundo vivido que as artes se confluem com a Geografia" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 222) na "práxis do sujeito no mundo" (MARQUEZ, 2006, p. 11).

"Na relação entre Geografia e Literatura, os textos literários apresentam-se como um rico material a serem apreciados por nós geógrafos, pois eles evocam", em muitas ocasiões, "o cotidiano das pessoas" (BARCELLOS, 2009, p. 41). Para Heidegger, "o artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista" (HEIDEGGER, 2010, p. 37). Certamente, é nesta articulação intrínseca que "o artista põe sua marca" (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 104) no mundo (no geográfico, na geograficidade), seja por meio da pintura, do romance, do poema, da música, do conto, da arquitetura, do cinema ou de outra arte qualquer. Porém, sempre buscando expressar suas experiências por meio de uma linguagem específica: a *arte*. Para tanto, ao relacionar estes meios e aplicá-los em sala de aula, exige-se que se faça com que os estudantes entendam os contextos apresentados, pois, sem uma simples noção contextual do que está sendo exposto, os próprios discentes não compreenderão as investidas artísticas nem geográficas. Neste contexto, inferimos de certo que a "arte é subjetivação objetivada" (SOUZA, 2013, p. 246). Assim sendo, é necessário objetivar o conteúdo para os educandos. - A arte em si testemunha a realidade. Com efeito, o ato de escrever torna possível testemunhar "que aqui estivemos e assim fomos"

[2] O geógrafo Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes nos fala da importância da literatura na Geografia. Este autor nos relata de forma sutil seu encontro com alguns romances de sua época. Aziz nos expressa que "lia de tudo" (AB'SABER; MENEZES, 2007, p. 47), e, evidentemente a obra regional que mais o "impressionou foi a de Euclides da Cunha, com especial referência a *Os Sertões*" (AB'SABER; MENEZES, 2007, p. 47).

(EDUARDO GALEANO apud MARINHO, 2010, p. 220). Bem entendido, durante as aulas as possibilidades de realização se evidenciam e as ações se consolidam.

A representação do espaço geográfico contido tanto num poema quanto num romance é significativo do ponto de vista relacional, pois

> A apreensão do espaço geográfico pela via do discurso literário do romance busca uma imbricação entre o real e o imaginário, entre o objetivo e o subjetivo, a qual nos fornece um entendimento do discurso literário como forma de representação do espaço real (BARCELLOS, 2009, p. 46).

Neste sentido, ao analisarmos, por exemplo, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas,* de Machado de Assis, no qual aparecem aspectos imanados e reais, torna-se compreensível a visualização, grosso modo, da Cidade do Rio de Janeiro no século XIX[3]. Algo que pode ser desenvolvido a partir da leitura de obras como contos, poemas, crônicas, novelas, além dos romances.

Compreendemos que é geografizando[4] um poema ou um romance, por exemplo, que encontraremos a ideia de pertencimento, de identidade, por assim dizer, tanto por parte dos personagens quanto dos autores, um elo entre Geografia e Literatura. Por conseguinte, "ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade" (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 488). Para tanto, o estabelecimento desse diálogo entre Geografia e Literatura seria uma "leitura de caráter mais teórico-metodológico que aprofunde as discussões já realizadas" (SUZUKI, 2006, p. 66) entre esses campos do saber, promovendo discussões e debates críticos e analíticos entre os estudantes, uma vez que descrições de ruas, avenidas, paisagens e outras coisas mais corroboram para a sensibilidade de identificação dos relatos nas narrativas literárias.

Não obstante, a amálgama entre Geografia e Literatura ajuda-nos na compreensão da realidade, tanto do pretérito quanto do tempo presente. "Nessa relação (Geografia e Literatura) podemos identificar como se dá o envolvimento do

[3] Um estudo abordando esta perspectiva encontra-se no texto intitulado *Uma leitura da paisagem em Brás Cubas e Quincas Borba de Machado de Assis: um olhar estético-geográfico sobre o Rio de Janeiro do século XIX* (ver referências).

[4] Palavra utilizada por nós para exemplificar ou buscar os 'aspectos geográficos contidos num poema, conteúdos geográficos contidos numa obra de arte'. Ou seja, no caso estudado, 'captando a linguagem geográfica inserida num poema'. O mesmo vale para um romance ou conto.

homem com a terra, em outros termos, como se dá o envolvimento do homem no espaço de existência" (SOUZA, 2012, p. 83). – No processo onto-geográfico (geograficidade, espaço de existência, vida, etc.), sou participante do mundo, bem como vítima do mesmo. E, com efeito, denuncio e anuncio através da arte um mundo que estava recalcado em mim (no sentido da psicologia).

Geografia e música: uma discussão geográfico-musical

À priori poderíamos nos perguntar: que relação existe entre Geografia e Música? Com efeito, poderíamos responder não haver nenhuma ligação entre ambas, pois a primeira é Ciência, já a segunda é tida como Arte. Todavia, estudando cuidadosamente esta relação - Geografia e Música - há a possibilidade de observar que esses dois campos do conhecimento caminham juntos, desde que o geógrafo queira trabalhá-los, evidentemente.

No processo de ensino-aprendizagem (alfabetização), em relação à música nos estudos de geografia, é oportuno mencionar - assim consideramos - Adoniran Barbosa para exemplificar nossa argumentação. Exímio compositor e do mesmo modo um excelente geógrafo; no entanto, apesar de se enveredar pela literatura musicada, não deixa de ter sua importância para com os estudos geográficos. Adoniran, em quase todas as suas músicas, descreve a cidade de São Paulo de forma simples, por sua vez, singular. Suas canções evidenciam as transformações que a cidade enfrenta na época em que as compôs. A industrialização e a urbanização são os temas centrais de sua crítica da cidade-residência. Em realidade, o samba adonirano é um verdadeiro roteiro da geografia paulistana do século XX. Decerto, uma geografia urbana musicada.

Notória e criticamente dizendo, a dialética envolvendo a relação entre Geografia e Música é algo pouco estudado na própria ciência geográfica. Diremos o seguinte: é necessário tocarmos no intocado para podermos mover o imóvel. Assim, devemos nos comprometer como seres existenciais no espaço e no tempo, com o todo e com a parte, o tudo e o nada. – Evidentemente, Somos.

Bem entendido, "o estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais" (TORRES, 2009, p.

54), pois “a identidade sonora de um lugar pode estar representada em sua música” (TORRES, 2009, p. 55), principalmente quando considerada a música popular. Uma vez que “a espacialidade da música popular, mais especificamente, focalizando a relação entre música e mobilidade espacial, as formas pelas quais a música está ligada aos elementos culturais, étnicos e geográficos da identidade” (CONNELL & GIBSON apud CASTRO, 2009, p. 09) e como estas questões estão atreladas às transformações de ordem econômica, tecnológica e cultural fazem prevalecer o valor simbólico de cada lugar, região ou área estudada.

Observando a cultura nacional, pode-se afirmar que “No Brasil, poucos trabalhos foram realizados sobre geografia e música” (CASTRO, 2009, p. 09). Não obstante, podemos destacar o pioneiro do estudo envolvendo geografia e música em nosso país, a saber: João Baptista Ferreira de Mello, que, em sua dissertação de mestrado, de 1991, defendeu a importância dos estudos envolvendo Geografia e Música no Brasil, em particular “sobre composições da MPB e o Rio de Janeiro” (CASTRO, 2009, p. 09). Contudo, ao direcionar um olhar para questões de cunho musical nos debates sobre espacialização, há de equacionar as escalas global, regional e local; isto, a fim de equilibrar a relação entre geografia e música.

Ao trabalhar conteúdos escritos (letras de músicas = verbalização) ou orais (sonorização) em sala de aula, é possível inferir que

> A música pode ser percebida como um documento vivo de um contexto histórico-geográfico, assim como nas articulações escalares particulares de cada lugar há implícita uma certa musicalidade. (GUIMARÃES, 2008, p. 289).

Ou seja, partindo deste pressuposto, podemos acrescentar que certas músicas descrevem muito além de um sentimento ontológico. Envolvem, além da geografia e da história, outros elementos pertencentes tanto dos compositores quanto dos personagens das tramas e mesmo dos ouvintes.

Neste sentido, por exemplo, é que devemos direcionar nosso olhar para a importância não apenas da poesia musicada, mas também para “a importância dos sons que caracterizam diferentes espaços” (KONG apud CASTRO, 2009, p. 13) como o urbano e o rural, os naturais, como o canto dos pássaros ou o som do vento nas árvores, e os originados pela atividade humana, como o som de um engarrafamento,

ou da confusão de vozes no meio de uma multidão, considerando ser o som "o elemento fundamental do qual a música se compõe" (CASTRO, 2009, p. 18). Assim sendo, "a paisagem não é apenas visual e estática, mas dinâmica e carregada de barulhos, cheiros, gostos, valores sociais e culturais, que devem ser considerados no seu estudo" (TORRES, 2010, p. 48). Para tanto, "os sons que ocorrem nos lugares compõem suas paisagens sonoras" (TORRES, 2010, p. 50). Em realidade, muitas músicas ou sons específicos representam certos lugares em particular. Por exemplo, o Mambo representa o Caribe, o Jazz os E. U. A., o Samba o Brasil, particularmente o Rio de Janeiro, o Forró é o símbolo musical do Nordeste brasileiro, a música Caipira caracteriza o Centro-Oeste do Brasil, o Carimbó traduz o Norte brasileiro, etc.

Deveras, não existe sociedade sem música. A música está presente no cotidiano das pessoas, "a música é capaz de transmitir 'imagens' de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identificação dos lugares" (CASTRO, 2009, p. 13). Do mesmo modo, a música serve, em algumas ocasiões, como meio de denúncia do e no social. Por intermédio da música o homem consegue expressar o inaudito. Através da música, neste particular, a geografia transcende o homem e o homem transcende o geográfico que sustém existencialmente.

Geografia e educação: para uma pedagogia da práxis

Inicialmente evoquemos: "tudo ocorre em torno de uma geografia" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 223) que, grosso modo, se configura como o "teatro dos acontecimentos" (RATZEL, 1914, p. 13; 1909, p. 09). A partir de então, confirmemos categoricamente: "a Geografia está em todos os lugares" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 223). Com efeito, e consequentemente, o espaço e o tempo são inevitáveis aos seres, em especial ao homem. Geograficamente pode-se colocar: "o homem inevitavelmente habita o espaço" (MARQUEZ, 2006, p. 15).

Expostas essas premissas, a utilização das artes como conhecimentos complementares, como recursos didáticos na disciplina de Geografia, auxilia para uma melhor contextualização dos conceitos geográficos, "Pois os alunos podem reconhecer, compreender, aplicar, identificar, analisar e avaliar [...] conceitos básicos,

se eles fazem parte das suas realidades" (SILVA, 2009, p. 02). Educação e geografia jamais se separam como discursos sociais na formação humana. Para tanto, por meio das artes o processo de ensino-aprendizagem e o conhecimento da superfície terrestre se imbricam ainda mais numa relação intrínseca e favorável para a decifração do mundo. Aprendemos e conhecemos, conhecemos e aprendemos num jogo de exploração intelectual sobre o ser-de-ação e sobre a concepção ideológica do mundo (homem e racionalização).

O papel da Cartografia como instrumento de conhecimento geográfico surge neste momento como um imperador no contexto de nosso breve discurso - assim consideramos - artístico-geográfico. Bem entendido, ao aplicar a tarefa de criar mapas temáticos, por exemplo, desenhando e pintando, diferenciando cores, gramaturas e tipos de papel, bem como criando mapas táteis e outros meios, as crianças, os jovens e os adultos nas aulas de Geografia procuram desenvolver seus conhecimentos por meios de práticas pedagógicas (educativas) nas quais usam suas capacidades para manejar objetos ao alcance das mãos. Quer dizer, as artes, neste contexto, auxiliam a prática didática. – Assim sendo, em relação ao raciocínio descrito anteriormente, isto se aplica principalmente nas séries iniciais (alfabetização) e no ensino fundamental. Com efeito, o objetivo é dar ao aluno a oportunidade de desenhar, pintar, em suma, *criar*; fazer "com que ele exercite ao mesmo tempo seu olhar redutor e seu olhar criativo" (MYANAKI, 2005, p. 02) diante do mundo que o envolve, construindo sua própria experiência de vida, colocando em ação o que já conhece e, por assim dizer, buscando compreender as relações que estão se efetivando.

O processo educativo exige que o professor de Geografia utilize suas possibilidades, competências, habilidades e aptidões para o dinamismo no momento de efetuar sua aula. No instante de ministrar o discurso geográfico juntamente com os estudantes é de fundamental importância que o profissional docente esteja inserido no conteúdo (contexto atual) transmitido com o intuito de que a turma (grupo de alunos) sinta e possa perceber naturalmente que toda a análise que está se passando naquele exato momento envolve a todos e que todos fazem parte do mesmo processo de compreender a cultura. Por outras palavras, é interessante e necessário que o docente, quando falar de épocas remotas, aproxime ao máximo o contexto transmitido

da realidade de todos os indivíduos presentes na sala de aula. Assim, ao proceder a dialética, o entendimento torna-se mais compreensível diante da realidade de cada turma quando da "elaboração do discurso, seja este escrito ou oral" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 224), conscientizando-os do vínculo dentro da sociedade (cultura) que os compõe.

Através de obras literárias, em particular poemas e romances, há a possibilidade de serem identificados lugares diversos inseridos nos escritos que imprimem, por assim dizer, uma história destes pontos geográficos. Um exemplo singular são alguns dos escritos de Machado de Assis, os quais descrevem perfeitamente a cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Do mesmo modo, alguns escritos de José de Alencar, Lima Barreto, Graça Aranha, dentre outros autores. No que se refere à música, pode-se dizer o mesmo. Embora pareça estranho, as músicas também imprimem elementos essenciais de vivências concêntricas ou esparsas em certos períodos históricos e geográficos. Tanto a literatura quanto a música formam um elo inquebrantável no que diz respeito à educação. Expressivamente a pedagogia nos direciona para a prática educativa no cotidiano, lembrando que a geografia promove o conhecimento dos lugares, todavia, a mesma faz com que nos situemos no meio onde estamos.

Com efeito, o mesmo ocorre ao se trabalhar com a pintura (e com a música, claro) nas discussões geográficas. Através da letra da música podemos identificar aspectos referenciados à literatura imanente. Por outro lado, ao estudar a sonoridade pertencente a uma determinada música, podemos verificar outros aspectos representando características regionais, algo sumamente importante na abordagem geográfica. Em relação à pintura, a imagem gravada na tela possibilita um olhar a respeito da paisagem que constitui a estética em si do lugar representado. Grosso modo, nos faz recordarmos de uma canção, em algumas ocasiões. Além disso, deve-se acrescentar que "não há paisagem sem cor" (SOUZA; LIMA, 2015, p. 129). Portanto, o potencial criativo-existencial contido numa obra de arte faz desta uma fonte suprema para que os estudos geográficos busquem saciar sua intensa sede de conhecimento. Assim sendo, compreendemos que "o mundo é um observatório estético-transcendental (no sentido kantiano)" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 225).

Não obstante, ao evocar a educação e a pedagogia como processos de instrução do ser-do-homem, há de ressaltar que tudo confere para o fato de o geográfico ou a geograficidade possibilitar as realizações concretas e imediatas das culturas humanas. – A geografia como um campo do conhecimento humano converge para as relações referentes ao ser em formação: o homem. O conhecimento geográfico e, portanto, a educação geográfica, direciona, explicitamente, o ser-de-ação (homem) em busca da ética e da moral que lhe pertencem, uma vez que é na "geografia concreta" que tudo acontece.

A geografia se preocupa com a *Est-ética* da paisagem, é verdade, mas também com a *Ética* humana, pois o próprio homem já a possui em sua *Gen-ética*, entretanto, precisa desenvolvê-la e para isso a educação possibilita a consolidação específica do comportamento ontogenético e filogenético humano, por vezes e efetivamente por intermédio da geografia escolar e da geografia real do mundo (grifos nossos).

Considerações

Para finalizar, porém não concluindo, compreende-se que Cultura é "toda construção material e imaterial de um grupo humano"[5]. A música e a literatura, bem como a educação, se realizam no geográfico intermediado pelo homem, ou, dito de outro modo, as artes e a instrução humana se realizam para com o próprio homem no geográfico ou na geografia do real. Eis, portanto, a importância da compreensão dos estudos geográficos para a realização do simbolismo artístico e cultural.

"A Geografia por meio das Artes resgata o valor estético embutido no imaginário das pessoas" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 225) e considera a capacidade intelectual como um recurso de aproximar ainda mais o Homem ao Meio que o faz inseparável deste meio que lhe mantém ativo. Uma noção de intensificar ainda mais o simbólico das artes na produção e reprodução da vida humana. Conquanto, valorizando a educação mediadora fundamental para esta consolidação.

A Geografia faz com que nos situemos no mundo. A Literatura é uma manifestação oral e escrita de forma ordenada. A Música é uma manifestação sonora

[5] SOUZA, André dos Santos Baldraia. Apud SOUZA, 2012.

e oral em sincronicidade. A educação é a intensificação singular da realização humana. Contudo, tanto a Literatura quanto a Música e a Educação têm algo em comum, qual seja, se manifestam no espaço-tempo existencial. Com efeito, parafraseando Hegel, podemos dizer que a arte é o meio de tornar objetiva a insuficiente existência subjetiva. Em outros termos, "Hegel define a arte como o meio entre a insuficiente existência objetiva e a representação puramente interior" (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 18). Destarte, a educação também é uma arte. A arte é um meio de realização humana no geográfico, pois que "o homem se realiza fazendo, simplesmente" (SOUZA, 2013b, p. 141).

Através das artes, ou melhor, por meio desses instrumentos/ferramentas (música, literatura, pintura, educação, etc.) mesclando-se no discurso geográfico, podemos dizer que há uma maior possibilidade destes auxiliarem os alunos a extraírem informações necessárias e ampliarem seus conhecimentos, suas percepções sobre o mundo circundante. É por meio da criação artística elaborada pelos alunos, como, por exemplo, desenhar paisagens: prédios, rios, árvores, chuva, animais, etc., representando o mundo natural e o mundo humano, que os mesmos ampliam seus conhecimentos em geral. "Em nosso caso específico envolve a Geografia, enriquecendo assim seu modo de enxergar o existir" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 227).

"Arte como ciência e ciência como arte constituem movimentos necessários de expansão dos experimentos do mundo" (MARQUEZ, 2006, p. 17). Neste contexto, devemos ter em mente que necessitamos utilizar as artes no discurso geográfico sempre para enriquecê-lo ainda mais e que as artes em si não se constituem sem uma geograficidade que lhe identifique. Não obstante, o mundo é um observatório estético-transcendental (no sentido kantiano). A arte surpreende o próprio homem. "Portanto, a Geografia deve estar aberta para o mundo assim como o mundo lhe constitui. Uma ação na emergência do estar-aí-no-mundo: somos" (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 228).

Referências

AB'SABER, Aziz Nacib e MENEZES, Cynara. *O que é ser Geógrafo*: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2007, 210p.

BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, Lugar e Literatura: o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*. UERJ-NEPEC, RJ, nº 25, pp. 41- 52, Jan./Jun. de 2009.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. 7ª edição (Trad. Ari Roitman e Paulina Watch) Rio de Janeiro: Record, 2009. 160p.

CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. *Espaço e Cultura*. UERJ-NEPEC, RJ, nº 26, pp. 07-18, Jul./dez. de 2009.

GUIMARÃES, Raul Borges. Escala geográfica e partitura musical: considerações acerca do sistema modal e tonal. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). *Espaço e Cultura*: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. (Coleção Geografia Cultural).

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. (Trad. Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro) São Paulo: Edições 70/Almedina Brasil, 2010. 252p.

JAPIASSÚ**,** Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *O Espírito na Arte e na Ciência*. 6ª Edição. (Trad. Maria de Moraes Barros) Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 168p. (Obras completas de C. G. Jung – Volume 15).

MARANDOLA JR, Eduardo e OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. *Geografia*. Rio Claro, v. 34, n. 3, pp. 487-508, Set./Dez. 2009.

MARINHO, Samarone Carvalho. *Um homem, um lugar*: geografia da vida e perspectiva ontológica. Tese de doutorado. 2010. 335f. Departamento de Geografia da USP. São Paulo.

MARQUEZ, Renata Moreira. Arte e Geografia. In**:** *Imagens Marginais*. FREIRE-MEDEIROS, Bianca e COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Org.). Natal: EdUFRN, 2006, pp. 11-22.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Prosa do Mundo*. (Trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 192p.

MYANAKI, Jacqueline. Arte e Geografia: uma experiência com o conceito de paisagem junto à alunos da 6ª série. *Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Departamento de Geociências – Laboratório de Pesquisas Urbanas e Regionais/UEL. Londrina, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Wagner em Bayreuth. In: *O Caso Wagner* (Tradução Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza) São Paulo: Editora Escala, 2007. 147p. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal; 86).

RATZEL, Friedrich. *Geografia dell'uomo (Antropogeografia)*: principî d'applicazione della scienza geográfica alla storia. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero) Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p.

_____. *Anthropogeographie*: grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgegebem von Prof. Dr. Albrecht Penck) Stuttgart: Verlag von J. Engelhorne, 1909. 400p.

SILVA, Adriana Severiano Reis. A utilização de obras de Arte no ensino de Geografia. *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – ENPEG*. Porto Alegre, 2009. s/n. Disponível em: <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/eixo5.htm>. Acesso em: 26 junho 2013.

SOUZA, Marquessuel Dantas de & LIMA, Daniele Inácio. Arquitetura, Geografia e Música: uma discussão artístico-filosófica. *Boletim Gaúcho de Geografia*. ABG, Porto Alegre, v. 42, n. 1, pp. 117-136, jan. 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/47281>. Acesso em 24 de fevereiro de 2015.

SOUZA, Marquessuel Dantas de & PEREIRA, Adriana Lopes. Artes e Geografia na sala de aula: uma reflexão filosófico-pedagógico-didática. *Linguagens***:** Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 8, n. 3, pp. 221-229, set./dez. 2014. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4223/2799>. Acesso em 01 de dezembro de 2014.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Uma leitura da paisagem em Brás Cubas e Quincas Borba de Machado de Assis: um olhar estético-geográfico sobre o Rio de Janeiro do século XIX. *Linguagens*: Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 8, n. 1, pp. 28-38, jan./abr. 2014. Disponível em:<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4074>. Acesso em 26 de maio de 2014.

_____. Geografia e Cultura: o espaço em prosa, mapa literário e imaginação. *RA'E GA*. Departamento de Geografia - UFPR, Curitiba, v. 28, pp. 242-253, 2013a. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/index>. Acesso em 11 de junho 2013.

_____. Geografia, Literatura e Música: o simbolismo geográfico na arte. *Revista de Geografia* (UFPE). Recife, vol. 30, nº 1, pp. 103-147, 2013b. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/667/480>. Acesso em 17 de dezembro de 2013.

_____. *Geografia e Percepção*: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012. 134p.

SUZUKI, Julio Cesar. O Espaço na narrativa: uma leitura do conto "Preciosidade". *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo, n. 19, pp. 54-67, 2006.

TORRES, Marcos Alberto. Da Paisagem Sonora à Produção Musical: contribuições geográficas para o estudo da paisagem. *Revista Geografar*. Curitiba, v. 5, n. 1, pp. 46-60, Jan./Jun. 2010.

_____. *A Paisagem Sonora da Ilha dos Valadares*: percepção e memória na construção do espaço. Dissertação de Mestrado. 2009. 152f. Setor de Ciências da Terra – UFPR. Curitiba.

Referências consultadas

HUMBOLDT, Alexandre de. *Cosmos*: essai d'une description physique du monde. (Traduction de M. H. Faye et de M. Ch. Galuski). Quatrième Édition. Tome deuxième. Paris: Legrand, Pomey et Crouzet, Libraires Editeurs, s/d. 628p. (Oeuvres d'Alexandre de Humboldt).